

MELLO, ALEX FIUZA DE. *MARX E A GLOBALIZAÇÃO*.  
1ª EDIÇÃO. São Paulo: Boitempo, 1999, 286p.

Daniel de Souza Medeiros<sup>53</sup>

É com o intuito de compreender o atual processo econômico vigente – a **Globalização**, que MELLO elabora sua obra. Ancorado em pressupostos de sua formação acadêmica (Ciências Sociais – UFPA), irá tratar do assunto em pauta como este sendo um desdobramento e/ou continuação “mais refinada” da formação do *modo capitalista de produção*. Cabe ressaltar, desde já, que esta sua leitura adota como referencial teórico principal as contribuições de praticamente todo o pensamento de **Karl Marx**. Com isso, seu objetivo maior será o de tentar elucidar o fenômeno da Globalização como este já tendo sido, preliminarmente, previsto na teoria de Marx acerca do desenvolvimento capitalista. No entanto, as teses de outros grandes pesquisadores (sejam economistas, filósofos ou historiadores) também circulam em seu trabalho. Assim, nomes como os de Paul Sweezy, Rosa Luxemburgo, Eric Hobsbawm, R. Hilferding, Maurice Dobb, Adam Smith, G. Arrighi, F. Chesnais e H. Lefebvre, dentre tantos outros, são constantemente citados ao longo de sua exposição.

Dividido em sete capítulos, o livro de MELLO começa o seu trabalho de análise do sistema capitalista explicando, sinteticamente, o processo da chamada *acumulação originária* por que passava a Europa antes do século XV. Tal fato representou o início da escalada do capital enquanto organizador de um novo sistema econômico-social dominante e a destituição dos camponeses de seu meio de produção – a *terra*; tudo isso através da violência e coerção. Assim, essa acumulação originária apenas representou a transição do feudalismo para o capitalismo.

A primeira fase propriamente dita capitalista emerge com o *Mercantilismo*. Este, por sua vez, foi caracterizado como sendo a política econômica adotada pelos Estados-Nação europeus engajados em sua aventura *Colonialista* desencadeada com as *Grandes Navegações* do século XVI.

Tal situação, portanto, representou o fator central de ruptura com o feudalismo europeu uma vez que, mesmo com o crescimento do comércio naquele processo histórico pretérito, é nesse novo cenário econômico-temporal que o mundo passa a ser o “palco da guerra comercial” entre os diversos Estados europeus.

Uma vez consolidado, o capitalismo passa a caracterizar-se pela produção excedente dos mais variados artigos visando obter lucros

<sup>53</sup>Aluno do Curso de Graduação em Geografia da FCT/UNESP/Prudente e bolsista CNPq.  
E-mail: dani.geo@bol.com.br



mediante as trocas comerciais. Tais considerações são extremamente importantes, uma vez que elucidam os verdadeiros motivos da implementação do *Moderno Sistema Colonial* – "... desbravador das Américas, África e Ásia": representação da disputa pelo monopólio do comércio mundial entre os países colonialistas.

Alaistrando-se sob as mais variadas partes do globo, daí ser considerado por alguns estudiosos o primeiro indício do atual mundo globalizado, o capitalismo vai impondo para o mundo uma *Divisão Internacional do Trabalho (DIT)*. Através deste sistema, as nações européias produziam e exportavam manufaturas para suas colônias e importavam matérias-primas destas últimas. Tal processo foi o grande responsável pelo imenso acúmulo de riqueza pelos europeus, propiciando, por sua vez, o advento da Revolução Industrial do século XVIII. Esta "revolução" representou a gradual utilização das máquinas como meio dinamizador do capital.

Agora, retomando uma antiga colocação de Marx (e é isto que vai balizar o trabalho de MELLO) cabe ressaltar que, desde o seu surgimento, o capitalismo necessita expandir-se desmesuradamente à todas as áreas e povos para poder reproduzir-se enquanto modo de produção hegemônico. Assim, o sistema colonial, a proliferação das máquinas, a DIT etc, são fatores que se inserem nesse contexto de **Mundialização do Capital** já analisado por Marx.

Uma vez estabelecida, é no século XIX que vai se consolidar a "era das máquinas", portanto, da indústria. Torna-se cada vez mais comum o uso de navios e máquinas a vapor; surgem novas tecnologias e matérias-primas; expansão das ferrovias e do telégrafo etc. Toda essa reviravolta no âmbito dos transportes e comunicações, principalmente, forneceram novos subsídios para o acúmulo e mundialização do capital, como já apontava Marx. Uma nova onda de surgimento e expansão de grandes empresas oligopolistas e bancos ocorre em níveis extraordinários; a economia de países como Estados Unidos, Japão e Alemanha, por exemplo, emergem como competidoras em potencial à até então hegemônica Inglaterra. No entanto, a partir de 1870 todo esse quadro de prosperidade econômica passa a ser ameaçado por uma *crise* de superprodução, já prevista por Marx. A solução encontrada estaria em uma maior mundialização da economia, portanto, acirra-se a luta por mercados entre as nações industrializadas. Para tanto, aliam-se, explicitamente, o capital e o Estado. É com o uso de todo o aparato militar e político deste último que o capitalismo vai procurar expandir-se ainda mais pelo globo, "partilhando-o". A este período dá-se o nome de *Imperialismo*, ou seja, a tradução histórica da necessidade do capital em manter-se em prosseguimento.

Tal fase capitalista é de extrema importância para se compreender este modo de produção segundo as proposições de Marx, ou seja, surge como a mais palpável confirmação de sua teoria ancorada no processo de mundialização. No período entre o fim do século XIX e início do

século XX, o capitalismo parece solidificar-se e expandir-se como jamais fora visto até então: surgimento das primeiras empresas transnacionais, oligopólios e fusões além do capital financeiro, enfim, uma economia que alcançava os mais variados territórios e com enormes fluxos de mercadorias, pessoas e capitais. Segundo E. Hobsbawm, por exemplo, é neste cenário descrito que já se encontram as verdadeiras raízes e expressões preliminares de um "mundo global" em nascimento.

Analisando o capitalismo do pós-2ª Guerra, o autor vai deter-se à uma nova configuração desse processo: a *Globalização*. Surgido em 1960 e consolidado nos anos 80, o termo "globalização" pretende qualificar, distintamente dos períodos anteriores, uma nova fase de acumulação. Considera que a atual economia é marcada pela crescente *centralização associada à transnacionalização do capital*, ou seja, destaca o importante papel das grandes corporações no processo de mundialização capitalista, a nova onda de fusões dos bancos e a unificação regional dos mercados (expressas por entidades como o Mercosul, União Européia, Nafta etc.) que denotam o clima do novo ritmo da acumulação capitalista em todo o mundo. Diz ainda que, essa centralização internacional do capital é a tentativa deste em quebrar as históricas barreiras do Estado ao seu livre desenvolvimento. Agora, o Estado apenas seria o mediador entre o capital e o território a ser alocado.

Por fim, partindo de exemplos concretos contemporâneos, MELLO procura traçar as principais contradições e dilemas do capitalismo dito global. Hoje, mais do que nunca, as epidemias de sub-consumo e superprodução, o desemprego estrutural, a massificação da miséria, da fome, da violência e exclusão social, demonstram que a luta de classes assume, sob novas formas, um caráter também global. É por tudo isso que:

*A verdade é que o mundo em que vivemos é cada vez mais dominado pelo capital e pela lógica da mercadoria, o que faz com que, longe da ilusão do pós-capitalismo (ou da pós-modernidade e de tantos outros "pós"), ainda estejamos atravessando um longo período (ainda não concluído) de consolidação, isso sim, da sociedade burguesa em escala mundial.* (MELLO, 1999: 265).

Portanto, Marx, há muito, previu com um século de antecedência tudo isso que hoje chamamos de globalização: elucidou a consolidação de um mercado mundial, o monopólio, a centralização dos capitais e as crises globais, dentre tantos outros aspectos que ainda hoje circundam nossa sociedade, a do capital.